

Seminário Final

O envelhecimento e o género numa perspetiva interseccional

2 de junho de 2023

A discriminação sobre as pessoas mais velhas é uma evidência na sociedade ocidental, que privilegia o avanço tecnológico considerado um dos principais valores das sociedades modernas e industrializadas, sendo que este progresso parece estar destinado aos jovens. Em contrapartida, o conhecimento, as experiências de vida e saberes adquiridos ao longo dos tempos, pelos mais velhos, são desvalorizados. Segundo Irene Pimentel “As civilizações mudam em algumas, os velhos e velhas eram solicitados/as para transmitirem a sua sabedoria e experiência; mas na nossa, ocidental, em vez do antigo «a idade é um posto» existe a falsa noção de que «ser jovem é um posto.»

Apesar das legislações quer nacional, quer internacional, combaterem a discriminação com base na idade, o idadismo, continua enraizado na nossa sociedade que caracteriza as pessoas mais velhas como pouco produtivas, frágeis e incapazes.

Segundo Sibila Marques e “de acordo com o módulo “Idadismo” do European Social Survey, de 2009, a discriminação em relação à idade é a principal forma de discriminação sentida pelos portugueses (17%), atingindo valores superiores à discriminação em igualdade de género (13%) ou à etnia (11%)”.¹

No idadismo, esta estereotipia é reforçada no caso das mulheres, elas cumulam um conjunto de fatores que as deixam numa situação de maior vulnerabilidade e risco social: escolaridade mais baixa do

¹ Sibila Marques (2011), “Discriminação da Terceira Idade”, Fundação Francisco Manuel dos Santos, pg.19.

que a dos homens, maior risco de pobreza, menor número de anos de vida saudável. Porém têm maior esperança de vida; vivem mais tempo sozinhas, muitas por terem ficado viúvas. Este preconceito cruza-se com a interseccionalidade e torna-os consideravelmente mais graves. Em Portugal, em virtude da maior longevidade das mulheres, há mais mulheres idosas do que homens, sobretudo em idades mais avançadas. “A esperança de vida à nascença em 2018, rondava os 81 anos (78 para os homens e 83,5 para as mulheres).”²

Relativamente às mulheres mais velhas, elas confrontam-se com o culto da beleza e da vitalidade presente na sociedade contemporânea, patriarcal. Basta vermos a quantidade de tratamentos e cirurgias de rejuvenescimento oferecidas pela publicidade, para a qual tudo o que faz lembrar velhice é descartado.

É neste contexto, que surgiu o projeto “o envelhecimento e o género numa perspetiva interseccional”, desenvolvido pela UMAR, com o apoio financeiro da Pequena Subvenção da CIG sobre o preconceito da idade, que atinge sobretudo as mulheres mais velhas. Neste projeto procurou-se aprofundar o que significa envelhecer para as mulheres de diversas regiões do país, classes sociais, origens étnico-raciais, orientação e identidade sexual diferentes, bem como mulheres com deficiência. O trabalho desenvolveu-se em duas fases diferentes: construção de um inquérito aplicado a trinta mulheres com mais de 60 anos, bem como organização de três tertúlias temáticas sobre aqueles preconceitos que nos pareceram mais evidentes.

² Segundo o relatório “como envelhecem os portugueses” envelhecimento, saúde e idadismo (Maria João Guardado Moreira, out 2020, Fundação Francisco Manuel dos Santos), pg.10.

A 1ª tertúlia, contou com a participação da investigadora Paula Godinho e a sua dissertação “As matriarcas do MST do Ceará”, onde o conhecimento e os saberes das mulheres acumulado ao longo de gerações é respeitado e valorizado. Completamente em contraciclo com as sociedades ocidentais, patriarcais e sobretudo digitais, nas quais a memória e os conhecimentos adquiridos ao longo de uma longa vida são descartáveis. No debate que se seguiu falou-se da importância da preservação da memória coletiva para a construção de um futuro mais digno e respeitador dos direitos humanos.

A propósito do livro de Lídia Jorge “Misericórdia”, estivemos à Conversa com a autora, na 2ª tertúlia efetuada. “Misericórdia” relata o último ano de vida de uma mulher residente num Lar. A relação com a morte, a despersonalização das mulheres institucionalizadas, a infantilização, o preconceito com o amor sénior, a preservação da memória são temas em destaque.

Partindo de uma frase da investigadora Helena Ferreira da Universidade de Aveiro, que nos diz:

“Já fui alvo de discriminação em função da idade – idadeísmo, em várias situações: em contexto de lojas, de concertos, de piadas machistas relativamente à menopausa, de consultas médicas, etc, etc, etc.... Está presente, de uma forma macro e micro, por toda a sociedade, incluindo nas pessoas mais velhas, porque, culturalmente foi construído deste modo. Basta pensar nas vezes que dizemos “é da idade”, relativamente a um esquecimento ou lapso”,

realizou-se a última tertúlia deste projeto, “A discriminação das mulheres na velhice”, na Biblioteca Especializada Ana de Castro

Osório, Esta palestra teve como participantes Irene Pimentel e Isabel do Carmo, onde as discriminações se cruzaram com dados estatísticos sobre o envelhecimento das mulheres. O poder patriarcal que se exerce sobre os corpos das pessoas mais velhas tem múltiplos efeitos que limitam os seus direitos, um deles o direito ao prazer na velhice.

Foram três tertúlias cujos os temas e as participações deram uma contribuição muito válida para o desocultar do idadismo de género, ainda pouco falado. Para uma melhor elucidação daquilo que foi dito nestas sessões, poderá aceder ao portal do Centro de Documentação e Arquivo Feminista Elina Guimarães, da UMAR.

Ao mesmo tempo que decorriam as tertúlias, registámos os testemunhos de 30 mulheres, bem como a sua reflexão sobre as discriminações no envelhecimento de que são alvo, segundo um guião, previamente elaborado. Desta recolha de depoimentos, passou-se para uma análise de dados, cujo resultado Manuela Tavares vai apresentar dentro de momentos.

Também, em “As mulheres e a velhice respeito ou preconceito”, apresentamos o resultado deste trabalho. Sabemos que mulheres maduras levam vidas multidimensionais, mas nem sempre isso se reflete no conteúdo visual que vemos diariamente. É hora de desafiar os estereótipos visuais limitativos e prejudiciais das mulheres mais velhas e expandir a sua representação visual - mostrando suas vidas reais e ativas, exigindo respeito pelas suas rugas e pela memória que transportam consigo, a fim de inspirar mais mulheres à ação.

Uma vez que o idadismo tem sido estudado na academia, é preciso lembrar que a questão de género e envelhecimento não tem sido

equacionada. Por este motivo, não gostaria de terminar sem uma palavra de agradecimento à Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género que proporcionou esta abordagem ao idadismo de género.

Uma palavra de agradecimento, a todas as mulheres que de forma generosa e responsável deram o seu depoimento e que constam na publicação: “as mulheres e a velhice respeito ou preconceito”. Como nem todas as mulheres puderam estar todas presentes nesta sessão, quer por razões geográficas ou constrangimentos vários, não queremos deixar de cumprimentar aquelas que aqui se encontram: Ana Borges, Ana Maria Pessoa, Conceição Raimundo, Guida Simões, Idalina Rodrigues, Irene Pimentel, Natividade Monteiro, Nazaré Robalo, Olímpia Pereira, São José Lapa, Teresa Almeida e Virgínia Baptista.

Gostaria de agradecer à equipa de filmagem a generosidade dispensada – Mariana Macedo e Tiago Cruz

Uma grande muito obrigada, pela criatividade, disponibilidade e generosidade da equipa que desenvolveu e produziu a performance que iremos assistir: Inês e São José Lapa. Um bem-haja ainda a Ana Califórnia. Idalina Rodrigues, Janica Ndela, e Rui Pedro Cardoso.

Por fim, mas não por último, e em contraciclo com a sociedade patriarcal onde nos inserimos, quero agradecer à equipa inrtergeracinal de voluntárias que com alegria, simpatia e afeto se uniram todas em redor deste projeto. Todas trabalharam como se fossemos uma só, sem preconceito de idade. E são elas:

Ianira Vieira, Idalina Rodrigues, Inês Gomes, Janica Ndela, Joana Sales, Manuela Pereira, Manuela Tavares, Maria Dovigo, Rafaela Nunes e Solange Tavares.

Para todas vós aquele abraço do fundo do coração.

Passo a palavra a Manuela Tavares, para apresentar o estudo resultante do trabalho efetuado.

Teresa Sales